



**Crônicas em  
novembro**

Bruno Assis



Ao Rafael, verdadeiro dono das crônicas deste e-book

# Índice

Introdução	4
Faixa 1 - Antes que seja tarde	6
Faixa 2 - “O Melhor Abraço do Mundo”	8
Faixa 3 - Entre escombros	11
Faixa 4 - No ônibus	16
Faixa 5 - Flores na janela	19
Faixa 6 - No alto da Serra	21
Faixa 7 - Também te amo	23
Faixa 8 - Vidência	25
Faixa 9 - Capitão	28
Bonus Track - Caiu na rede	30
As músicas	33
Pósfacio	44
O autor	46

# Introdução

Tudo começou com um blog.

Mentira. Começou antes, com três amigos que gostavam de escrever e discutir literatura. Um grupo incomum dentro de um curso técnico de química industrial, cheio de cabeças voltadas para os números. Desse grupo, a engenharia roubou um excelente cronista. Os outros dois, mesmo com os contratemplos, resistiram e estão reunidos neste e-book.

Tem a ver também com um elogio que recebi de uma professora de redação sobre um pequeno conto que eu havia escrito. Ela se dispôs a ler, deu várias dicas e ainda escreveu um bilhete que guardo até hoje na caixa de recordações. E o principal: disse para continuar escrevendo.

Levei o conselho a sério. Por causa da paixão pelas letras, decidi que passaria meu futuro contando histórias. Seja através do jornalismo ou da ficção, é isso que penso em fazer quando crescer. Troquei as exatas pelas humanas e percebi que era ali que eu fincaria raízes. Não me arrependo nem por um segundo.

E, agora sim, o blog entra na história.

O primeiro veio em 2008, com as histórias do meu personagem mais querido: o Frango. Pela primeira vez tive leitores, pessoas que se preocupavam com o personagem, pediam crônicas novas e me cobravam caso eu atrasasse demais. Foi uma experiência única.

Mas só o Frango era pouco. Eu queria aumentar meu arsenal de textos e, para isso, criei o Estamos em Obras. Longe de ter a popularidade do

Memórias de um Frango, hoje ele é meu pequeno laboratório, seja para escrever crônicas ou falar sobre os livros que li.

Nesse processo de experimentação, há uma seção no blog chamada “Music experience”, na qual transformo músicas em crônicas. Às vezes utilizo a ideia central, outras vezes algumas frases e até mesmo chego a pegar o espírito da música e transformo em ficção. E faço isso sem preconceito. Sandy & Júnior, É o Tchan, John Mayer e Chiquititas são alguns exemplos de artistas que já tiveram suas músicas transformadas.

Então chegamos ao Rafael Fontana.

O Rafael, ou Caeté para os íntimos, é meu irmão, desses que a gente encontra pela vida e tem certeza de que lá permanecerão até o fim. Ele também escreve(ia?) no Estamos em Obras, com a distopia Crônicas de Lugar Nenhum. Além disso, também é músico. Quando ele me contou que estava compondo e queria gravar umas músicas, o bichinho da empolgação me mordeu.

Alguns meses depois, o primeiro álbum ficou pronto. Chamado “Nós em novembro”, traz uma história pessoal traduzida em música. Sou parcial para julgar, mas achei a qualidade excelente. Então, como presente de aniversário, prometi que faria uma crônica para cada música que ele lançou. E foi isso que fiz.

Enquanto escrevia, um pensamento ficou fixo na minha cabeça: Por que não publicar isso? Então decidi fazer o trabalho de diagramação e soltar minhas crônicas nessa terra de ninguém que é a internet.

Este e-book contém 10 crônicas - uma para cada música. É coisa bem simples, mas como diriam no interior aqui de Minas, é de coração. É um presente e, ao mesmo tempo, uma forma de continuar brincando com as palavras, que é o que mais gosto de fazer.

Espero que vocês possam se divertir lendo estas crônicas tanto quanto me diverti escrevendo. Estou feliz com o resultado e espero que o Rafael fique também.

Abraços,

Bruno Assis



# Antes que seja tarde

Então o tempo parou.

Foi quando você apareceu no para-brisa. Linda. Confiante. Arrebatadora. Do mesmo jeito que te vi pela primeira vez. Da mesma forma que te deixei há alguns dias. Você passava pelos limpadores sem se importar com as subidas e descidas que faziam para espantar a chuva. Seus cabelos voavam, como a não darem razão às gotas e ao vento. Olhos fechados. Sorriso no rosto. Em transe.

Deslizava pelo vidro a executar uma complexa dança que só você sabia os passos. Rodopiava, movimentava braços e pernas, sentia cada lufada de vida que se aproximava. E gargalhava. Eu juro que podia te ouvir. Baixinho. Aquela mesma gargalhada que você soltou diversas vezes quando estava comigo. Aquela gargalhada que eu amo tanto.

A essa altura o tempo já não existia. Nossa música tocava. O peito apertava de saudades. E você deslizava por entre as gotas com delicadeza. Fazia dos trilhos de água o seu palco. Uma bailarina a executar com perfeição os *jetés*, os *pas de chat* e tantos outros movimentos ainda sem nome. A cada salto você subia na escala de perfeição. Fazia a apresentação de sua vida para a plateia menos exigente do mundo. A que mais te amava.

Ao ver tal espetáculo, meus olhos fizeram como o mundo lá fora e também verteram lágrimas. Perceberam que aquela poderia ser a última vez que te veriam dançar deste jeito. Cada gota derramada era um desabafo. E você dançava com mais intensidade a cada uma que caía. Queria me mostrar que sabia o quanto eu te amava. Como um último pedido,

desejei que você abrisse os olhos. Que sorrisse para mim. E tudo que eu queria era só mais um abraço antes que fosse tarde.

Então o tempo voltou ao normal.

O som da derrapagem se tornou mais alto. O volante não respondeu meus comandos. O *guard rail* impulsionou o carro para cima. Senti meu corpo sendo arremessado contra o para-brisa. Minha cabeça doía. Minha vista ficou vermelha. A luz do sol se foi. A noite veio. O céu que vi não tinha mais estrelas. E não havia mais flores no jardim.



# “O melhor abraço do mundo”

Não é fácil encontrar “O Melhor Abraço Do Mundo”. Ele não está à solta por aí, se oferecendo para qualquer um. Ele precisa ser conquistado e exige um alto grau de intimidade entre as duas partes. Mas não uma intimidade igual a dos casais. É necessário uma intimidade fraternal, que só grandes amigos conseguem ter.

Eu tive sorte. Recebi “O Melhor Abraço Do Mundo” pela primeira vez com apenas 16 anos. Ele veio de uma garota que nunca havia demonstrado este superpoder e em um momento pouco oportuno da minha vida. Foi, sem exageros, um dos melhores momentos daquele ano.

A responsável por isso era uma menina risonha, baixinha e com longos cabelos encaracolados. Estudávamos juntos desde o início do ensino médio e éramos apenas colegas de sala. Fazíamos alguns trabalhos juntos, conversávamos amenidades. Coisas simples, sem muita profundidade.

O dia em que recebi “O Melhor Abraço do Mundo” tinha tudo para ser o pior da minha vida. Eu havia discutido com a Priscila, minha namorada da época, e ela disse que não tinha certeza se me amava mais. Para completar, eu tinha recebido a nota final de física e visto que teria que estudar o triplo para conseguir passar de ano direto. Em resumo, eu estava bem mal.

Sem forças para ir para casa, decidi aproveitar a tarde no colégio e pensar na vida. Deitei na grama do campo de futebol, coloquei o fone de ouvido e então a realidade me deu um soco na cara. Não consegui aguentar e chorei como eu não chorava há anos. Foi quando a dona d’“O Melhor Abraço Do Mundo” chegou.



Ela sentou-se do meu lado e não disse nada. Permaneceu ali até que eu tivesse forças para me levantar e me junto a ela.

- A Priscila disse que não me ama mais. Não sei o que fiz de errado!

Um olhar de compreensão passou pelo rosto dela e um sorriso acalentador se formou. Ela se levantou e me encorajou a fazer o mesmo. Quando saí do chão, ela estendeu os braços e disse: "Vem cá!".

Não sei quando tomei consciência de que aquele era "O Melhor Abraço do Mundo". Talvez tenha sido quando as mãos dela se enlaçaram nas minhas costas e apertaram forte. Ou talvez quando ela encostou a cabeça no meu peito e pude senti-la se mexendo no ritmo da minha respiração. Eu só sei que, quando entendi a profundidade daquele gesto, dei o meu melhor para transformá-lo em um momento que nenhum de nós esqueceria.

Ficamos abraçados por quase um minuto, sem trocar uma palavra. Estávamos apenas abraçados, sentindo a pressão dos corpos e as respirações ficarem mais leves. Quando decidimos que era o fim, desgrudamos um pouco os corpos e nos olhamos. Olho no olho, a troca mais íntima a que duas pessoas podem se submeter. Me lembro de ter dito que aquele era "O Melhor Abraço Do Mundo" e ela respondeu com um sorriso e me deu outro abraço, melhor ainda que o primeiro.

Passamos o resto da tarde conversando. Falamos sobre a escola, sobre os problemas de um relacionamento, sobre família, sobre preocupações, sobre o futuro. Nos abrimos. Falamos sobre a vida e acabamos nos tornando grandes amigos. A partir daquele dia, sempre que eu precisava encontrar "O Melhor Abraço do Mundo" era só estender as mãos para ela e dizer: "Vem cá!". E ela podia fazer o mesmo comigo. Nossos abraços se completavam e os dois encontravam conforto.

Talvez ele fosse tão bom por não ter segundas intenções. Não era um abraço de cumprimento ou de adeus. Não tinha nenhum interesse sexual. Era apenas um abraço. A intensidade, a proximidade, o calor, o sentimento. Tudo na medida perfeita.

Ontem sonhei que ganhava "O Melhor Abraço do Mundo" de novo. Acordei e a primeira coisa que fiz foi ligar para ela. Porém ouvir a voz não é a mesma coisa de tê-la em meus braços. Minha vontade foi de pegar o car-

ro e dirigir as centenas de quilômetros que nos separam só para ganhar aquele abraço de novo.

Já dividi a cama com mulheres que eram excepcionais na hora do sexo. Outras que sabiam dar o beijo perfeito. Algumas eram mestres na arte da sedução. Mas eu nunca encontrei outro abraço como o dela. Não com a mesma intensidade.

E como faz falta esse abraço.



# Entre escombros

I  
Entre os escombros, Sandra não sabia mais o que fazer. O calor do dia anterior fora acima do normal, um sinal claro do temporal que poderia vir a qualquer instante. E ele até que demorou. Só começou no meio da madrugada, naquele horário que até os ladrões já estão descansando e a paz reina no morro.

Sandra acordou com o clarão do primeiro relâmpago. Pulou da cama com o som do trovão que se seguiu. A casa estava aberta e ela correu para tentar fechar tudo antes que a água invadisse o lugar. Foi quando sentiu um tremor de terra e ouviu um barulho muito alto. Correu até a janela a tempo de ver a catástrofe da rua vizinha em tempo real.

Viu as árvores deslizando morro abaixo. Casas inteiras serem levadas, ainda em pé. Gritos de desespero vindos de lugar nenhum e de todos os lugares. Tijolos, portas, sofás, animais, telhas, pessoas. Os restos de uma vizinhança que ela conhecia há mais de 20 anos escorrerem junto com a lama.

Não se sabe de onde, mas ela conseguiu encontrar forças para pegar o telefone e ligar para os bombeiros. Aconselhada a se proteger em um lugar seguro até a chegada dos profissionais, Sandra nem trocou de roupa e correu para fora de casa ainda de camisola. Ignorou a chuva, a recomendação dos bombeiros e até mesmo o perigo da situação. Sua primeira reação foi ir direto para o local do deslizamento.

Não sabia como, mas precisava ajudar aquelas pessoas. Eram as casas de seus amigos que haviam desabado. Deus ajude, eram seus amigos que podiam estar presos embaixo daquela confusão. Não importa o que dissessem,

precisava estar lá. Não se perdoaria se deixasse todos morrerem daquele jeito estúpido.

## II

Entre os escombros, Humberto observava o que restou do lugar onde morava. Havia deixado a casa há dois dias, graças à recomendação da Defesa Civil. Dois dias. Por muito pouco ele e toda a família não estariam ali, soterrados, junto com os bens que ele lutara tanto para adquirir ao longo os anos.

Não teve tempo de tirar tudo da casa. Pretendia voltar naquela manhã mesmo para pegar as roupas, uns objetos pessoais e alguns eletrodomésticos. Achou que não daria tempo. Agora era tarde. Não tinha ideia de como se reergueria daquele cruzado de esquerda que o destino lhe dera.

O filho mais velho chorava. O do meio apertava sua mão. A outra filha era muito pequena para entender qualquer coisa e dormia no colo da mãe. Abraçado com a família, percebeu que não ligava tanto para os bens que estavam debaixo da terra.

Recuperar uma geladeira não era nada. Uma televisão não significava nada. “As pessoas se prendem a coisas banais e se esquecem do que realmente importa”, pensou. Objetos são só ligações frágeis com um passado que vai estar sempre vivo na memória. Estar perto das pessoas que se ama é muito mais valioso do que qualquer coisa.

Graças a Deus estavam todos bem.

## III

Não dá mais pra voltar.

## IV

Entre os escombros, Hércules cavava à procura de sua dona. Saiu de casa cedo para dar uma volta no brejo do bairro vizinho e, quando voltou, já não havia mais casa. Não havia mais dona, não havia mais proteção. Não havia mais nada. Só um monte de entulho e o mundo inteiro embaixo de suas patas.

Havia muitos humanos por ali, revirando a terra. Muita gente que ele nunca havia sentido o cheiro antes. Pessoas que não se importavam com ele. Todos em cima do lugar que um dia fora sua casa. Ou pelo menos que ele achou que fosse sua casa.

Enfiou o rabo entre as patas e ficou ali parado. Queria encontrar sua dona e lambe o rosto dela como fazia todo dia de manhã. Queria que ela brincasse de bolinha com ele. Queria que fizesse carinho atrás de sua orelha e o colocasse no colo para assistir televisão. Já estava com saudades.

Então sentiu o cheiro dela. Parecia distante, mas estava ali. Quase podia ouvi-la gritando seu nome. HÉRCULES! HÉRCULES! Então começou a cavar e latir. E tinha que continuar cavando. Tinha que continuar latindo. Ela estava ali. Certeza.

## V

Entre os escombros, soldado Rodrigo precisou respirar fundo para encontrar a força necessária para continuar com o trabalho. Havia retirado o primeiro corpo sem vida debaixo da lama e tinha a terrível impressão de que aquele não seria o último. Odiava novembro por causa desse tipo de tragédia.

Receberam a primeira ligação por volta das quatro da manhã, de uma mulher que relatou que a rua vizinha havia “descido barranco abaixo”. Logo depois vieram outras ligações. Algumas mais desesperadas que outras, mas todas com a mesma mensagem: deslizamento grave de terra no morro. Foi acionada uma força tarefa e, em menos de dez minutos, todos já estavam prontos para sair.

Quando chegaram ao local, era impossível prever quantas pessoas estavam desaparecidas ou qual era o real tamanho do estrago. A única coisa que se sabia é que era necessário agir rápido. Vidas dependiam daquilo. A primeira providência foi isolar a área e evitar que novas tragédias acontecessem. Ainda chovia, e isso era sempre um problema. Depois começaram as buscas por sobreviventes.

Mas não dera tanta sorte assim com o primeiro. Quando Rodrigo localizou um braço no meio do entulho, já previu o pior. Era um rapaz de mais ou menos vinte anos, soterrado pelo que parecia ser uma parede. Olhos inertes, fixos em um ponto além da compreensão do soldado. O primeiro baque de muitos que ainda levaria naquela manhã.

E quando a esperança parecia fugir, ouviu os latidos de um cachorro. Isso era um bom sinal. Sempre era. Reuniu alguns homens que estavam por perto e foi conferir se havia alguém naquela região. Ainda tinha esperanças. Precisava salvar aquelas pessoas.

## VI

Não há mais.

## VII

Entre os escombros, Isabella enfrentava o maior desafio de sua vida profissional. Microfone na mão e pronta para entrar ao vivo, tremia como uma iniciante. Nenhuma faculdade de jornalismo a preparara para aquela situação. Estava acostumada a cobrir amenidades, não uma pauta tão extrema quanto aquela.

Para onde quer que olhasse, Isabella só conseguia ver destruição. Famílias inteiras desaparecidas, pessoas em uma busca de algo perdido, bombeiros trabalhando para resgatar o máximo de soterrados. Potenciais histórias por todos os lados. Podia ser o sonho de qualquer jornalista, mas não o dela. Pela primeira vez, não tinha tanta certeza se conseguiria contar as histórias da forma que mereciam.

Quando o sinal vermelho se acendeu e o âncora perguntou como estava a situação até o momento, ela sentiu o nó na garganta ressurgir. Respirou fundo e decidiu fazer daquela a melhor reportagem de sua vida. Deu os números oficiais, a posição dos bombeiros, da prefeitura da cidade e, quebrando todos os protocolos, contou as pequenas histórias que vira até o momento.

Falou do homem que revirava os entulhos em busca da filha que continuava desaparecida. Da família que se abraçava atônita por ter escapado com vida. Da mulher que chorava ao ver que tudo que ela construía ao longo dos anos havia ido embora para sempre. Da criança que se agarrava ao bichinho de pelúcia, a única coisa que sobrara da casa, e olhava para aquilo tudo sem entender direito que não poderia mais voltar para casa.

E chorou pela primeira vez em rede nacional.

## VIII

Entre os escombros, Kamilla não enxergava nem mesmo as próprias mãos. O espaço para se mexer era mínimo. Conseguia sentir o estrado da cama pressionando seu peito e, na perna, nada além de dor. Naquele momento, era impossível saber se quebrara algum osso ou se alguma coisa pior acontecera. Torcia para que fosse apenas a primeira opção.

Sobreviveu por um golpe de sorte. Quando sentiu o primeiro tremor de terra, correu para baixo da cama. Não sabia o porquê de ter agido assim, mas com

certeza foi o que salvou sua vida. Impediu que ela fosse esmagada pelos escombros da laje ou pelas paredes que deslizaram barranco abaixo. Era aquele espaço que a mantinha viva, pelo menos por enquanto.

Mas sentia frio. Muito frio. Sentia sede. Muita sede. Sentia dor. Muita dor. Não conseguia avaliar se estava presa por minutos, horas ou dias. A noção de tempo não era importante. Tudo o que queria era sair dali. O cérebro pedia por mais oxigênio, artigo de luxo naquele espaço. Usava as últimas forças para gritar. Quando parava para recuperar o fôlego, rezava. Torcia para que o bom Deus fosse realmente bom e a tirasse dali o mais rápido possível.

Em meio às preces, pôde ouvir, ao longe, os latidos de um cachorro. Cheia de esperança, usou o pouco de força que restava para gritar mais alto.

Atentos à movimentação estranha do animal, os bombeiros começaram o delicado processo de escavação da região.

Lá embaixo, era impossível continuar com os gritos.

## **IX**

Só memórias.



# No ônibus

Todos os dias eles pegavam o ônibus no mesmo horário. Ela, que subia no primeiro ponto, sempre se sentava no mesmo lugar - primeiro banco após a roleta. Ele subia alguns pontos depois e não tinha um lugar fixo. Sua única exigência era poder vê-la por todo o trajeto.

A paixonite já durava semanas e ele não tinha coragem nem de se aproximar nem para dizer um oi. Milhares de possibilidades rodavam enquanto o ônibus passeava pela cidade. Em um cenário muito otimista, ela já havia notado quando ele entrava e também estava caidinha de amores. Em um cenário pessimista, ela mudaria de horário no dia seguinte e ele nunca mais a veria.

Tudo isso continuou até uma fatídica segunda-feira. Quando ele entrou no ônibus, percebeu que o único lugar vago era ao lado dela. Pânico! Uma gota de suor se formou em sua espinha e ele começou a tremer enquanto tentava passar o cartão de passagem. Ignorar o lugar e ficar em pé não era uma opção viável. Tinha que agir como um homem e se sentar ao lado dela.

*"Ei, lógico que eu não vou me sentar aí! Vou ficar em pé lá no fundo e você não pode me julgar nessa."*

[Cortar a última frase anterior na edição final]

*"Não vai cortar nada! Quem é você para me obrigar a sentar ali?"*

Então ele fez um esforço para tirar a máscara de desespero e se sentou "Não. Para com isso agora!" ao lado "Não me obriga!" dela "Merda". Ajeitou a mochila



no colo e “cruzou os braços em protesto” tentou ficar o mais confortável possível. Não dava. Por dentro ele era só tremores e inseguranças.

*“Para de falar como eu devo me sentir, sua crônica idiota! Você já me obrigou a sentar aqui, agora me deixa QUIETO.”*

De fones de ouvidos, ela parecia não perceber que ele havia se sentado ali. Era a grande chance que ele tanto esperara *“Não é não! Você que está dizendo isso. Eu vou continuar pegando esse ônibus todo dia!”* e demorou metade do caminho para reunir o máximo de coragem para cutucar *“Isso é sério?”* de leve o ombro daquela mulher. Em um movimento automático, ela tirou o fone e olhou para ele, curiosa *“Vai dar merda, tô avisando!”*. Ele retribuiu o olhar e gaguejou:

*“Espera aí, eu não vou gaguejar porra nenhuma!”*

- Err... oi *“Para de enfiar palavras na minha boca! Isso foi ridículo!”* O que você está ouvindo? *“Além de ridículo eu preciso soar intrometido? Falei que era melhor ir lá para trás!”*.

- Clarice Falcão, conhece?

*“Lógico. Acho uma bosta.”*

- Lógico. Curto muito as músicas dela. *“Mentiroso”* Até a que ela fez pra propaganda do supermercado é legal *“Para de mentir. É a pior de todas!”*. Aliás, acho que já te vi no ônibus *“Jura?”*. Você pega todo dia nesse horário?

- Religiosamente. Se não pegar esse, chego atrasada no trabalho.

- Sei bem como é, trânsito... *“Isso mesmo, agora começa a conversa de elevador”*.

- Pois é. Você também pega sempre esse horário, não é mesmo? *“Oi?”* Já te vi algumas vezes por aqui. *“Sério?”*

- Todo dia, no mesmo horário e local. E preciso confessar, já venho reparando em você há muito tempo *“Sutileza mandou lembranças”*. A única coisa que me faltava era coragem pra vir falar contigo.

- Devia ter vindo antes. Não vou negar que também reparei bastante em

você *"Fácil assim, dona crônica? Vai ser essa a resolução do problema?"*  
Bom que agora vou ter companhia nas manhãs.

- Mas não nessa. Meu ponto tá chegando, então será que você podia me passar seu número de telefone *"Seu covarde, você vê ela todo dia no ônibus"* pra gente marcar de sair ou algo assim.

- Isso quer dizer que você não vem mais nesse ônibus? *"Menina esperta!"* Estava esperando encontrar com você amanhã.

- Ah, é mesmo. Agora deixa eu descer que meu ponto está chegando. Até amanhã!

Ele se aproximou para dar um beijo no rosto de despedida, mas ela se virou na hora. Os lábios se encontraram e lá ficaram, juntos. Ele, encabulado, puxou a cordinha para dar o sinal e correu para a porta. Nem olhou para trás.

*"Tem certeza que quer acabar nesse clichê? Essa merda não combina comigo"*

E desceu do ônibus com um sorriso no rosto. Ela, da janela, acompanhava os passos dele pensando em como seria no dia seguinte.

*"Obrigado."*



# Flores na janela

Seu sonho era chegar logo ao apartamento. Foi obrigada a usar aquele terninho preto – ou, como gostava de chamar, inferninho preto - o dia todo e, como desgraça nunca vem sozinha, o salto alto começou a machucar seus pés. Tudo que queria era um banho frio e um bom livro deitada de frente para o ventilador.

Mal abriu a porta e as roupas já estavam no chão. Levantou as janelas para arejar a casa e foi direto para o chuveiro. Água fria, sorriso bobo no rosto e todas as preocupações ralo abaixo. Enxugou-se, vestiu uma calcinha confortável e foi para o sofá com seu exemplar de Cem anos de solidão. O ar que vinha do ventilador era um alívio depois daquele dia estressante e quente.

No prédio vizinho, Antônio observou tudo. Viu quando ela chegou, quando tirou a roupa, quando voltou do banho e agora a via deitada no sofá, praticamente nua. Tinha saído para estender a toalha bem naquela hora. A janela da lavanderia era a única que dava de frente para aquele apartamento e nunca tinha notado a vizinha. Pelo menos até ela aparecer em sua frente apenas de calcinha.

De onde estava, conseguia ver os seios subindo e descendo no ritmo da respiração. As pernas abertas a deixavam confortável, mas também mostravam mais do que deviam. Antônio mal conseguia acreditar em sua sorte. Os caras do escritório nunca iam acreditar quando ele contasse o que aconteceu.

Mas não era só ele que já passara algum tempo admirando a moça do apartamento de frente. Viradas de pescoço eram comuns quando ela passava. Assovios também. Quando percebia algum destes gracejos, ela apenas erguia o dedo do meio para os atrevidos e continuava seu caminho. Tranquila, como se nada tivesse acontecido. O tipo de pessoa que já ligou

o botão do foda-se e segue sua vida atrás de um futuro melhor, apesar de todas as injustiças por ser uma mulher.

Mas ela não percebeu que Antônio a observava, caso contrário teria xingado alguns palavrões pela janela e ido ler no quarto. Confortável, acabou adormecendo no sofá mesmo, com o livro a seu lado. Antônio estava extasiado como há muito tempo achava que não poderia ficar. Foi quando ouviu passos atrás de si.

- Amor, o que você está fazendo na lavanderia?

- Vim estender minha toalha.

- Precisa de tanto tempo pra fazer isso? O que você tá fazendo debruçado nessa janela?

- Nada de mais, bebê. Tá vendo aquelas flores ali? – e apontou para uma janela a seis andares de distância do apartamento que ele espionava. – São bonitas, não são? Acho que ficariam lindas aqui.

- São bonitas mesmo, mas vem logo que o jantar tá pronto.

Ele olhou para a esposa e se aproximou dela como há tempos não fazia. Deu um beijo digno de primeiros encontros, de fazer os dois perderem o fôlego. Eles ficaram enroscados por minutos seguidos até que ela, sem ar, ajeitou o vestido e saiu da lavanderia. Só deu tempo de ouvir ele sussurrando:

- Espera só um pouquinho que já estou indo.



# No alto da Serra

Era o primeiro sábado do mês, dia em que fé e ciência coexistiam na Serra da Piedade. Religiosos faziam sua peregrinação morro acima para agradecer a Deus pelas graças obtidas. Amantes dos céus esperavam a abertura do Observatório Astronômico para observar as belezas da nossa galáxia. Em comum, só os agasalhos para combater o forte vento, o frio e a chuva fina que caía.

No meio de figuras tão peculiares, um homem sentado na pedra mais alta da Serra chamava a atenção de todos. Ninguém sabia como ele havia chegado até lá e nem como conseguia ficar tão estático. Usava apenas um short, uma camiseta e um par de tênis. Não se importava com as condições do tempo ou com as pessoas ao redor. Olhos fechados, absorto em seu próprio mundo.

Aos poucos, uma pequena aglomeração se formou. Todos observavam a curiosa figura imóvel. “Deve ser um fiel de Nossa Senhora da Piedade pagando penitência!”, apressou-se uma velhinha que usava um pesado casaco de lã tricotado por ela mesma. “Ou está agradecendo por alguma coisa. Aqui em cima é o lugar mais próximo de Deus que vamos chegar antes de morrer”.

Várias cabeças concordaram em respeito. Uma igreja construída em um lugar tão alto e quase inacessível era uma prova extrema de fé. Só a sensação de estar ali já era revigorante. Entrar nela e fazer uma oração tinha um significado diferente, como se os fiéis estivessem conversando ao pé do ouvido de Deus.

“Claro que não”, disse um jovem de óculos a dois metros da velhinha. “Aposto que ele levou um pé na bunda e queria espairecer um pouco. Ficar longe de tudo e todos, pensar na vida. Acordou hoje de manhã, olhou para o lugar que ela costumava ocupar na cama e decidiu fazer algo para aliviar a tristeza.”

“Ou vai ver se cansou da vida na cidade, do emprego entediante e decidiu passar um tempo em contato com a natureza”, disse uma moça que parecia ser amiga do jovem de óculos. “Ele deve estar revendo todas as decisões erradas que tomou na vida e pensando o que poderia ter feito para ser mais feliz.”

“E quem disse que ele não está feliz?”, perguntou um senhor de meia idade do outro lado da aglomeração. “Ele pode ter subido naquela pedra só para se sentir livre, extravasar a felicidade entrando em contato consigo mesmo. Estão vendo o sorriso no canto da boca dele? É felicidade, tenho certeza.”

“E se não for?”, desafiou um rapaz cheio de espinhas no rosto. “E se ele estiver se sentindo a pior pessoa do mundo e decidiu subir na pedra para se matar? Não ficaria surpreso se ele pulasse dali de cima, de cabeça. Ou se tirasse uma arma daquele short e desse um tiro na própria cara.”

Todos levantaram a cabeça na mesma hora, preocupados com uma possível tentativa de suicídio. Aquele rapazinho podia ter razão, ninguém podia prever o que se passava na cabeça do sujeito na pedra. Mas o senhor também podia estar certo e tudo aquilo ser só felicidade. Ou ele podia estar sofrendo, como o jovem de óculos previu. Ou só estar agradecendo as graças alcançadas.

Foi quando o homem abriu os olhos e se levantou devagar. Estralou as costas, mãos, pés. Olhou para o brilho da chuva nas montanhas ao redor e sussurrou: “Agora consigo ver tudo. Obrigado”. E desceu sem dar atenção a ninguém. Pegou a estrada rumo ao pé da Serra e nunca mais foi visto.



# Também te amo

Filha,

Você sabe que sua mãe tem um lugar especial na minha vida. Ela reinou absolutamente por tanto tempo que nunca imaginei ver o trono ocupado por mais alguém. Mas como a vida gosta de nos pregar peças, outro amor tão grande quanto ela surgiu e me fez descobrir que meu coração era maior do que eu imaginava.

Isso aconteceu quando você nasceu. Aliás, foi um pouco antes, quando sua mãe me disse que estava grávida. Desde essa época, nós já passávamos horas com a mão sobre você enquanto conversávamos. Sentimos cada chute, cada movimento. Sua presença era uma realidade tão forte que o amor que sentíamos um pelo amor se multiplicou só para que pudéssemos te dar sempre mais.

E eu, que não acreditava em amor à primeira vista, mudei de ideia quando vi sua cara de joelho pela primeira vez. Sim, cara de joelho, mas era o joelho mais lindo que já vi. Quando você nasceu, minha vida ganhou um novo sentido. Eu estava finalmente completo, cheio de amor e de esperança para o futuro. Eu era um novo homem e a culpa disso é sua, quero que saiba disso.

Então acho que chegou a hora. Vem cá, chega mais perto dessa carta porque eu vou falar baixinho. Já chegou? Eu te amo, viu. Você é a coisa mais especial do meu mundo e, tenho certeza, fará a diferença no mundo de muitas outras pessoas. Até mesmo as ruas se iluminam quando você passa. Sei que pode parecer exagero de pai, mas é exatamente isso que acontece.

Além disso, a essa altura eu devo ter te falado isso tantas vezes que você deve ter se cansado, mas seu sorriso é a coisa mais bela que conheço. Eu me perco

só de olhar para ele. A cada risadinha de alegria, a cada sessão de cosquinhas. Você é a alegria dos meus dias. Você sorri para mim e meu mundo ganha um novo significado. E nada, eu disse nada, pode apagar o que eu sinto por você.

Quando você crescer, espero que estejamos aqui para te ajudar. Não vai ser fácil, tenha certeza disso. Você vai bater a cabeça várias vezes, chorar de tristeza por amores não correspondidos ou por pura raiva. Vai ter momentos que vai querer chutar tudo e desistir. Quando estes dias chegarem, estarei do seu lado para te dar suporte. Se você quiser, estarei ali para te guiar e fazer você voltar aos trilhos da sua própria vida.

Mas só escrevi tudo isso porque ontem você me falou o seu primeiro “eu te amo”. Daqui uns anos você nem vai se lembrar disso, mas vou guardar este momento para sempre. A gente brincava na cama quando você virou para mim e disse que me amava. Simples, direta e com o seu sorrisinho lindo no rosto. Pura como só uma criança consegue ser.

Não consegui responder na hora. Meus olhos se encheram de lágrimas e só te abracei forte. Não sei se sussurrei que também te amava ou só permaneci quieto. Não importa. Você é a pessoa que eu mais amo nesse mundo. Espero que nunca se esqueça disso.





# Vidência

- 47!

- Lógico que você errou!

- Mas você queria o quê? É impossível adivinhar isso.

- Aposto que eu consigo. Pensa num número de 0 a 50.

- Pronto, pensei.

- Você pensou no 42, certo?

- Ei, isso é injusto. Você sabe que minha cabeça vai automaticamente pro 42. É como se eu fosse um organismo que faz parte de um computador gigante criado para descobrir a pergunta para a vida, o universo e tudo mais.

- Injusto é o caralho. Não tenho culpa de você ser tão previsível.

- Vamos tentar de novo! Duvido você acertar essa... olha nos meus olhos e me diz o que estou pensando.

- Aí você complicou minha vida.

- Uai, você não tava bancando a vidente fodona? Quero ver acertar agora.

- Mas isso é impossível. Eu te conheço bem o suficiente pra saber que você pode estar pensando tanto em baratas albinas quanto nos meus peitos.

- Ou em baratas albinas andando nos seus peitos...
- Credo! Que nojo! Para com isso!
- Agora tá com nojinho? Foi você quem começou com esse lance de baratas albinas.
- Tá bom, desculpa. Mas nunca mais imagina isso.
- Vou me lembrar disso na próxima vez que a gente estiver fazendo sexo.
- Eca! Se continuar assim nem vai ter próxima vez.
- Tá bom, tá bom. Mas você fugiu da pergunta... olha nos meus olhos e me fala o que eu tô pensando.
- Já disse que seu olhar é bem misterioso. Aposto que está pensando no sorvete que a gente comprou pra sobremesa.
- Errou feio. Mais uma chance.
- Tá pensando nas baratas albinas de novo. Certeza.
- Frio, quase congelado. Só tem mais uma chance!
- Isso é injusto. Me dá uma dica.
- Tem a ver com você.
- Comigo? Aposto que é besteira. Você só pensa besteira.
- Nossa, amor. Que julgamento errado você está fazendo de mim.
- Então me fala logo o que você estava pensando antes que eu comece a imaginar coisas.
- Tava pensando no quanto você é linda. No quanto eu sempre quis estar aqui com você. E também no quanto eu te amo. O maior pensamento foi esse, na verdade. Que eu te amo e queria ficar com você até o fim do dia e além, para toda a vida.
- Owwnn, que lindo!

- Pra você ver. Eu sendo todo romântico e você fazendo julgamentos errados.
- Desculpa, tá... ei, por que você está rindo?
- Nada...
- Deixa de ser cínico! O que você aprontou agora? Aposto que pensou putaria e não quer falar!
- Eu? Imagina...
- Seu safado! Tava era pensando nos meus peitos o tempo todo!



# Capitão

*Rapazes, atenção! Estamos prestes a embarcar para a batalha que pode marcar o fim dessa maldita guerra. Já passamos por muita coisa juntos. Perdemos muitos bons soldados neste caminho. Bons homens, bons amigos. Vocês, mais do que ninguém, querem que esse inferno acabe. Agora só depende de vocês!*

*Já conhecem o plano. Precisamos proteger a cidade contra o avanço dos inimigos, custe o que custar. Mandaram nosso batalhão para o front porque sabem que somos os melhores dentre os melhores. Todas as batalhas que já vencemos, desde as mais banais às heroicas, nos credenciaram para isso. Vocês são os únicos capazes de controlar esta situação sem muitas perdas. Eles confiam em vocês, rapazes.*

*E eu também confio. Daria a minha vida em troca da de qualquer um de vocês. Vocês são mais do que meus soldados, são minha família. Esta não é a primeira e provavelmente não será a última batalha que enfrentaremos juntos, mas quero que se preparem psicologicamente para o pior. Vamos enfrentar falta de comida, de medicamentos, de água. E passaremos frio, muito frio.*

*Sei que, em alguns momentos, vocês acreditarão que será impossível sobreviver. Que os inimigos serão mais fortes do que nós. Que sucumbiremos diante das dificuldades. Não acreditem nisso. Bloqueiem os próprios medos. Nós somos mais fortes do que isso, vocês sabem. Aguentaremos tudo o que vier. Juntos.*

*Lembram-se da batalha que tivemos na Holanda? E a o ataque surpresa na Áustria? Contra todas as expectativas, saímos de lá vitoriosos. Quero que se lembrem disso, pois estaremos em outra situação de vida ou morte. Morte, a propósito, que estará à espreita a cada pequeno descuido, a cada mínima falha. Não*

*se esqueçam do plano, sigam minhas ordens. Trarei todos de volta a salvo ou morrerei tentando.*

*É isso. Fiquem alertas, preparem os paraquedas e, quando chegarem lá, vão direto para o ponto de encontro marcado no mapa. Só depende de vocês, rapazes. Vocês são os melhores entre os melhores. Voltem vivos!*

Antes de embarcar no avião, cada um dos soldados trocou um último cumprimento com o capitão. Era por ele, mais do que pela pátria, que eles lutavam. A pátria não havia dado nada em troca do sacrifício que eles faziam em suas vidas. Já o capitão estava lá, ao lado deles nos piores momentos, nas crises, nas perdas, nas vitórias e nos momentos de descontração.

A sua maneira, cada soldado tentou mostrar o quanto admirava aquele homem. Podia ser a última oportunidade que teriam de fazer isso e não queriam desperdiçá-la. Seguiriam os passos daquele sujeito até o fim. Caminhariam ao lado dele até que não mais pudessem respirar.



# Caiu na rede

Após três dias de tocaia, finalmente ela apareceu. Sentada em uma pedra à beira do rio, penteava os longos cabelos negros e assobiava uma fina melodia que quase o seduzira para a morte na semana anterior. Mas hoje estava preparado. Protetores de ouvido a postos, não deixaria que ela o iludisse. Finalmente capturaria a lara.

Pensar que tudo era culpa daquela maldita jaguatirica. A bicha invadiu o galinheiro, matou quatro de suas galinhas e, de brinde, destruiu a cerca. Ele chegou tarde para impedi-la. Só conseguiu ver a infeliz correndo a toda velocidade, deixando para trás um rastro do sangue da galinha que ela carregava na boca.

Agora o caso era questão de honra. Se não perseguisse aquela jaguatirica, ela voltaria para assombrar seu galinheiro. Deu um jeito na cerca, carregou a espingarda e partiu para a mata. Caçou a maldita até o anoitecer, quando já não conseguia distinguir uma árvore de uma pedra em meio à escuridão.

Cansado, estava perto do rio e decidiu dar um mergulho para se refrescar. Tirou a roupa e foi para a margem, pronto para mergulhar. Foi quando percebeu que não estava sozinho. Bem baixinho, ouvia uma voz que nunca mais sairia de sua cabeça. Ah, aquela voz! Era a coisa mais linda que já ouvira. Cristalina, no timbre correto. Deixava-o calmo. Apaixonado. Trazia cores para o seu mundo sem graça.

No meio do rio, a fonte da perfeição brincava com a água. Tão bela quanto a voz, ela nadava sem preocupações. A pele morena brilhava com a luz da lua, os cabelos negros escorriam pelas costas. Os seios à mostra, sem pudores. Um

sorriso que despertava o que de melhor existia dentro dele. A perfeição da natureza toda concentrada em um só ser.

A voz parecia chamá-lo para junto dela. A melodia o puxava para a água e, sem perceber, já estava a ponto de pular no rio. Foi quando a mulher deu um mergulho. No lugar das pernas, barbatanas de peixe. Então tudo ficou claro. A mente se livrou do feitiço e ele percebeu que escapara da morte por um triz.

A jaguatirica se tornou o menor de seus problemas. Que comesse suas galinhas, não se importava. Agora só queria capturar a lara. Fazer com que ela sofresse o que ele quase sofreu. Mas como fazer isso? Nunca aprendeu como capturar uma lara. Decidiu se aproveitar da parte peixe e usar uma rede para prendê-la. Teria que dar certo.

Organizou tudo e ficou de tocaia na beira do rio. Foram três noites até ela aparecer. A mesma beleza estonteante de antes. Tão perigosa quanto. Ele colocou os protetores de ouvido e sentiu-se seguro. Não seria mais enfeitado por aquela voz e estaria livre para fazer o que quisesse com ela.

O plano, porém, subestimava a inteligência da lara. Ela já tinha percebido o movimento estranho em volta de sua casa e, quando decidiu sair para a superfície, já sabia o que faria com aquele homem.

Na margem, ele a observava pentear os cabelos. Dessa vez, nem se deu a trabalho de fingir que era humana. Sentada em uma pedra, a cauda balançava na superfície. Embora ele não conseguisse ouvir, sabia que ela cantava uma de suas belas melodias. Traçou, então, o plano para colocá-la na rede.

Subiu algumas centenas de metros rio acima e atravessou para o outro lado. Com a maior cautela, andou até a mata próxima e procurou o abrigo. Não demorou até chegar ao local onde ela se penteava. Pegou a rede e se preparou para arremessa-la. Coitada da lara, mal sabia o que a esperava.

Quando lançou a armadilha, soltou um grito de satisfação e correu direto para a pedra onde ela estava. Não a encontrou. Olhou para a água e viu apenas as ondas que indicavam que alguém acabara de mergulhar. Maldita rapariga, foi mais rápida que ele. Sua única chance estava indo embora.

Não conseguiu pensar direito depois daquilo. Precisava capturar aquela infeliz de qualquer jeito e tinha que ser naquela hora. Mergulhou, então, para

procurá-la. Ao abrir os olhos, viu algo que nunca esperou ver. O fundo do rio estava todo iluminado. A areia e as pedras do fundo emitiam um brilho próprio, como um caminho em meio à correnteza.

Foi por ali que ele decidiu se guiar. Não demorou para que encontrasse a lara sentada, indefesa. Ainda mais bonita do que na superfície, se é que isso fosse possível. Emanava uma aura que ele nunca havia sentido. Estava apaixonado mais uma vez.

Quando ele chegou perto, fez menção a segurar as mãos dela para beijá-las. Ela rejeitou o gesto e nadou rapidamente ao redor, retirando os protetores de ouvido que ele ainda usava. Sussurrou palavras doces e o que restava de coragem foi embora. Tudo nele agora era amor e só nisso que ele pensava.

Na mesma hora, ela assumiu sua verdadeira forma. Os dentes cresceram, os olhos se tornaram vermelhos e estreitos, como uma predadora. Abriu um sorriso para ele e o abraçou forte em direção ao fundo do rio. Em direção à casa dela.

Pouco antes de se afogar, o único pensamento dele era o quanto a amava. Morreu sem nem perceber o que havia acontecido.



# As músicas

# Noite de inverno

Rafael Fontana

Se você pudesse ouvir o que eu guardei aqui dentro  
Só pra trazer você pra mim  
Eu pararia, eu mudaria o tempo  
Antes que fosse o nosso fim

Se cada lágrima rolasse com o vento  
Se transformando em canção  
Todas as gotas seriam palavras pra ti  
Dizendo, dizendo...

Por favor abra os olhos, sorria pra mim  
Só quero mais um abraço antes que seja, seja  
Tarde demais pra ver que a luz do sol já foi  
E o meu céu não tem estrelas

É inverno agora,  
Não há mais flores no jardim  
Faz frio lá fora  
E eu me lembro do tempo em que  
A Terra ainda girava  
E o tempo não existia  
A nossa música tocava e eu ainda não sabia  
Que o que aperta o peito é saudade  
Não se esquece o que marcou um dia  
Tudo tem sua metade  
E dói demais dizer adeus

# Fevereiro

Rafael Fontana

A sombra daquela memória vai desaparecer  
E o passado se tornará ilusão  
Como um apelo da saudade pedindo pra esquecer  
Pra nunca mais se lembrar do brilho daquele olhar

Mas o tempo vai passar se arrastando  
Até que não reste nada, reste nada  
O verão vai se deitar e o outono levantar  
Mas a falta que faz seu abraço  
Nada vai amenizar

Ontem sonhei, nem lembro mais  
As flores murcharam em mim  
Eu já quis falar, pensei em escrever  
mas acho que nada mais toca você  
Eu quero te encontrar e poder te dizer  
Que nada mudou, que nada mudou

Mas o tempo vai passar se arrastando  
Até que não reste nada, reste nada  
O verão vai se deitar e o outono levantar  
Mas a falta que faz seu abraço  
Nada vai amenizar

# Despertar

Rafael Fontana

Já tentei me esquecer de tudo aquilo que eu ouvi  
E apagar cada vestígio do que um dia eu senti  
Mas toda vez que me levanto e pareço respirar  
Me afojo mais nas lágrimas que eu derramei  
Que eu derramei

Sem perceber, deixei espinhos controlarem a razão  
Me sinto atado a coisas fúteis, que tento não recordar – em vão  
E, sem pensar, eu deixo o tempo tratando de transformar  
O que sobrou em mim e ainda tento entender  
Tento entender

Quando acordar  
Vou descobrir  
O que está errado e me libertar  
Das máscaras que eu criei  
Pra não ter que fugir

Não dá mais pra voltar  
Nada há mais  
Só memórias...

# Surreal

Rafael Fontana

Surreal e tão fugaz  
Foi a história de nós dois  
Nada em minha mente me faz  
Ver que hoje o sol se pôs  
Dando lugar ao luar  
Onde ela se escondeu  
Radiante a brilhar  
E iluminar os devaneios meus

A aurora agora traz  
Restos de uma comoção  
Gotas molham os papéis  
E as folhas que agora são chão

Você não sabe o que pensar sobre a flor que tocou  
Você não sabe o que sentir pelo perfume que restou  
Você não sabe o que fazer pra acabar com toda a dor  
Você não sabe como viver agora que conheceu o amor

Quando eu olhei pra trás  
Não vi seus passos no chão  
Eu tentei te alcançar  
Mas sou só uma canção

Eu fiz versos tão banais  
Pra enganar meu coração  
Neles tudo está em paz  
Quando tudo é solidão

E agora já não dorme em paz  
Já não consegue mais respirar  
E a dor de não tentar machuca mais  
Do que ter certeza que irá falhar  
E tudo que restou são aqueles versos  
Que você escreveu para se afastar  
De cada lembrança daqueles momentos  
Dos quais você nunca, nunca quis acordar  
Nunca quis acordar

# Flores na janela

Rafael Fontana

## **Refrão**

As flores daquela janela  
São as mais lindas, são as mais belas  
E quem me dera poder tocar  
É claro que as flores são ela

Pensando bem, o que eu tenho a dizer já não cabe no meu coração  
Então transborda e cai aos seus pés  
Nasce do chão a flor do amor, então  
E ela tem a cor do seu olhar  
Que me encantou quando eu te vi  
Brilhava mais que a luz do luar naquela noite  
Naquela noite

O teu sorriso despertou  
As coisas boas que estavam perdidas em mim  
A tua voz trouxe de novo a cor  
Pro meu mundo cinza  
Foi com você que eu pude ver  
Que ainda existe paz dentro do meu peito

## **Refrão**

Brisa do mar, sol de verão  
Luz do luar, minha inspiração  
Sereia do céu, me faz sonhar  
Canta pra mim até eu acordar

# Manhãs azuis

Rafael Fontana

Quando mais eu penso  
Menos eu entendo  
O que o vento trouxe pra mim  
Só enxergo as metades  
E a verdade eu não sei

Naquela rua eu me lembro  
Do abraço apertado que você me deu  
Beijo no rosto, água da fonte  
Pra curar o que um dia se perdeu  
Abro a janela é sol  
Saio pra caminhar  
Subo a Serra da Piedade  
E posso meditar  
Cachoeira é bom  
Substitui o mar  
Lava o corpo e o espírito

Eu quero sentir a pureza do amor,  
Ver o brilho da chuva sorrir  
Pintar manhãs azuis com nuvens



# Passarela

Rafael Fontana

Passarela é a rua que ela ilumina só por lá passar  
Seu sorriso é a coisa mais bela  
Viajando eu me perco em seu olhar

Diz pra ela sol, sem ela não sei viver  
Diz pra ela sol

## **Refrão**

E vem cá, me deixa dizer o que eu sinto  
E nada pode apagar  
A minha inspiração é você  
Vem cá, vem cá, me deixa dizer  
Que nada pode apagar  
Tudo que hoje eu sinto por você

Até mesmo a lua se encanta  
Quando sente o perfume no ar  
Joia rara, manhã de domingo  
Primavera de amor, vem me beijar  
Sorri pra mim  
Vou te guiar  
Cai nos meus braços  
Segue os meus passos

## **Refrão**

# Até o fim do dia

Rafael Fontana

Milhões de frases num olhar  
Eu tento desvendar o que se passa na sua cabeça  
Enquanto eu falo que o tempo é curto  
A hora já passou  
A noite vem nos abraçar  
Devolve os sonhos que o sol roubou  
E o vento vem me lembrar  
Que eu sempre quis estar aqui  
Nesse lugar com você, com você, com você  
Até o fim do dia...

E se o mundo te sufocar  
Eu vou estar aqui cantando pra você  
Até que o medo se transforme em sorriso  
E as lágrimas que insistem em rolar  
Caiam apenas pra dizer o quão feliz hoje você está  
Então, meu bem, eu vou achar  
Algum lugar onde nós dois possamos ficar  
Até o fim do dia...

# Ana

Rafael Fontana

Ai de mim o peito chega a doer  
Afinal ou acaso, não cabe a nós  
Quem me dera mais de um coração pra bater  
Pois não cabe aqui dentro

Saudades de tudo que a gente já viveu  
Vontade de ser mais que só você e eu  
Eu quero pra sempre alguém pra eu cuidar  
E tem que ser você, me deixa te mostrar

## Refrão

Por tanto tempo eu procurei  
Você estava do meu lado, do meu lado  
Agora que eu te encontrei não vou soltar a sua mão  
Fica comigo a vida inteira, mora no meu coração  
A tua voz é minha voz  
Seus pés me fazem caminhar  
Vou nessa estrada com você enquanto eu puder respirar

Pela manhã eu quero ser a luz do sol  
À noite, quando precisar, serei o teu farol  
Eu vou sonhar os sonhos que você sonhar  
Pois finalmente eu descobri o que é amar

Ô Ana! Ô Ana!

## Refrão

# Posfácio

Por Rafael Fontana

Ao ler (e reler) as crônicas deste e-book, deparei-me com emoções diversas e fui constantemente assaltado por surpresas. A primeira delas, entretanto, surgiu em momento anterior à leitura, como um prelúdio. Ao me descobrir agraciado com a imensurável honraria, experimentei algo muito mais forte – digo com certeza inabalável – do que aquilo que meu amigo Bruno Assis vivenciou ao escrever as páginas a respeito das quais vos falo. A tão sonhada glória em vida descortinava-se e, muito mais pela gratidão do que pela vaidade, senti meu ego inflar enormemente.

Mas não é pelos louros que se conhece a essência, por isso ousei percorrer as crônicas – não sem euforia, não sem receio. O que haveria de esperar? O que viria a encontrar? O temor de encarar um urso pardo seria um excelente recurso imagético caso atingisse o grau de tremores pelos quais passei antes de reunir coragem suficiente para ler. E talvez o leitor já tenha imaginado motivos para minha inquietação, mas não acho desmedido expô-los.

Em primeiro lugar, tive medo de ser incompreendido. Medo de ver que as músicas estavam sendo interpretadas como algo que não são, ou que não deveriam ser. Entretanto me acalmou lembrar que não temos controle sobre nada que dizemos ou criamos. A Polícrates resta apenas esperar sem saber como o anel retornará, não é verdade? Além disso, que tipo de artista eu me pretenderia se exigisse uma interpretação única? Ou uma forma única de dizer algo? Confesso que nossos modos diferentes de escrever também foram motivo para certa inquietação...

Acometeu-me também o receio do excesso. Preocupou-me uma possível extravagância por parte de meu amigo, com fins de me agradar. Mas, sabem-

do eu se tratar do Assis de que vos falo, enterrei de pronto tais pensamentos. Minha convicção de que ele não seria capaz de tal atrocidade acalmou meus ânimos e me permitiu concentrar minhas energias na leitura, somente. Afinal, se Bruno Assis ainda é meu amigo, certamente o é porque nunca me importei com suas piadas.

A despeito da inquietação, decidi-me por enfrentar as páginas, já que não seria polido recusar um presente. Foi uma sábia decisão, diga-se de passagem. Ainda hoje, quando me recordo do primeiro contato, sinto alívio imenso por tê-lo feito. No exato instante em que li a frase “Então o tempo parou”, soube que não é preciso um velho com um cajado para trazer magia a uma página. Como se o mundo devesse esperar, entreguei-me às crônicas de maneira apaixonada, ignorando quaisquer indagações anteriores e distrações exteriores. Fui voluntariamente abduzido.

Percorri as páginas com velocidade bastante peculiar, levando-se em conta meu estado de excitação e minha vontade de permanecer dentro do livro. Surpreendi-me com as personagens, o tom das narrativas, a forma como foram contadas. Senti-me imensamente feliz pela maneira como meu amigo captou as músicas e as transformou em algo tão mais vivo do que eu jamais poderia imaginar. Foi uma experiência sublime, beirando o surreal, capaz de despertar em mim emoções ímpares. Vibrei a cada frase: por ver histórias inspiradas por minhas músicas, mas, principalmente, por enxergar muito de mim contido naquelas crônicas, ainda que eu não estivesse ali.

Como se costuma dizer pelas bandas de cá, li tudo “numa sentada”, avidamente, parando apenas para respirar. Bom, talvez tenha parado para refletir, conter uma lágrima ou viajar a algum tempo/lugar remoto, é verdade. Mas o fato é que as narrativas me prenderam de tal forma que me senti totalmente imerso naquele momento em que éramos somente o e-book e eu. Tudo o mais teve que esperar. Tudo o mais esperou. O mundo já é um lugar muito hostil e eu não poderia me negar a parar um pouco para contemplar algo que me confortasse. E foi isso que o livro fez. Trouxe conforto. Trouxe alento. Aqueceu meu coração. E, que bom! Foi feito para isso, suponho.

Obrigado, Bruno Assis, por esse grande abraço literário. Obrigado, caro leitor, por dividir comigo esse grande presente. Que toque a outros espíritos como tocou o meu. Que sirva de inspiração para outras músicas, outras crônicas. Que sirva de inspiração para a vida.

# O autor



Meu nome é Bruno Assis, mineiro, 24 anos e jornalista quase formado. Nas horas vagas (e nas não tão vagas) brinco de escrever crônicas e contos para a internet. Em 2010, lancei o [Estamos em Obras](#), blog que funciona tanto como meu laboratório de escrita como de crítica literária. Desde então, ele recebe tudo que escrevo.

Se gostou das crônicas deste e-book e quer ler mais coisas, acesse o blog e tenha veja o arquivo dos últimos anos. Caso queira entrar em contato comigo, mande um tweet para [@ofrango](#), um e-mail para [blogestamosemo-bras@gmail.com](mailto:blogestamosemo-bras@gmail.com) ou troque ideia comigo lá no [Facebook](#).

Obrigado por terem lido até aqui. Espero que tenha sido um bom passatempo para todos!



Todas as músicas utilizadas neste e-book foram utilizadas com a autorização do autor e detentor dos direitos, Rafael Fontana.

Para conhecer o trabalho do Rafael, clique no título das músicas logo abaixo da crônica correspondente ou [neste link](#).

A foto de capa deste e-book foi gentilmente cedida pelo autor, meu amigo [Everaldo Vilela](#).